

ÍTALO-BRASILEIROS

A REVIVIFICAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA EM SANTA MARIA-RS

Maria Catarina C. Zanini*

A Região central do Rio Grande do Sul foi palco, desde finais do século passado, de uma intensiva colonização italiana.

Vieram, boa parte desses imigrantes, fugindo da situação de precariedade política e material na qual se encontravam na Itália recém-unificada. Foram escolhidos pelo governo brasileiro, preferencialmente, devido ao fato de serem brancos, europeus, latinos, católico-romanos e apegados ao trabalho (Borges Pereira, 1987:231).

Esses italianos migravam incentivados pela ideologia do "far la Mérica" (fazer a América), de terem suas terras próprias e poderem viver em relativa liberdade. De acordo com *Santin*, propriedade e trabalho formam o binômio fundamental para se compreender o processo de formação e desenvolvimento das colônias italianas no Rio Grande do Sul. Para muitos desses imigrantes, apesar de se estar em terras brasileiras, era-se italiano, embora esta fosse uma complexa, difusa e heterogênea categoria social que mal começava a fazer sentido no Estado nacional italiano. O passado original de uma Itália-mãe era comumente resgatado por parte desses descendentes para criar o sentimento de uma origem comum, de uma tradição que os diferenciava dos brasileiros em geral.

Contudo, no decorrer deste século, devido aos acontecimentos relacionados à II Guerra Mundial na Europa e também à procura da construção de uma identidade nacional de brasileiro, o apego às tradições e hábitos italianos começou a ser proibido, boicotado e oprimido por parte do governo brasileiro. Igualmente, muitos desses imigrantes, numa espécie de agradecimento à pátria hospedeira, deixaram de falar seus dialetos e passaram a viver tipicamente como brasileiros. Isto fez com que, em muitos locais, no espaço de poucas gerações, pouco restasse além da lembrança longínqua de uma ancestralidade diversa dos demais brasileiros.

Na Região denominada de IV Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, muitos são os relatos da Era Vargas que narram as diversas formas de violência utilizada contra esses imigrantes. Violência, não somente no sentido físico, mas também na forma como foram obrigados a abandonar suas línguas e costumes. Esse quadro, porém, começou a reverter-se no decorrer da segunda metade deste século. Muitas associações foram criadas e, a partir do centenário da Imigração Italiana, começou-se a afirmação e reconstrução de uma italianidade. E, ser italiano no Brasil não significa, para esses descendentes, possuir símbolos culturais fechados, mas

sim revalorizá-los no cotidiano da cultura italiana em contato com a sociedade nacional e regional.

Foi a partir desta constatação que desenvolvi, no ano de 1997, um projeto de pesquisa que visava investigar quais seriam os elementos fomentadores da revivificação da italianidade em Santa Maria. E, foi justamente nas narrativas desses descendentes que encontrei o trajeto de uma construção identitária e de estratégias de sobrevivência da italianidade que remontam ao século passado e que assumem, contemporaneamente, tonalidades e arranjos novos.

A SOCIETÀ ITALIANA DI MUTUO SOCCORSO

De acordo com *Moro*, as primeiras sociedades italianas eram "verdadeiras necessidades" e se propunham a aglutinar imigrantes e oferecer-lhes "amparo moral, material e cultural e o cultivo das origens" (Moro, s/d:1). Segundo o autor, os estatutos das primeiras sociedades objetivavam a "união e a fraternidade, o amor à pátria distante e, ao mesmo tempo, o respeito e a gratidão à pátria adotiva" (Moro, s/d:1). Para imigrantes vindos de um país distante, essas associações eram, na verdade,

estratégia de sobrevivência num ambiente por eles considerado hostil e estrangeiro. Muitos, nelas encontravam disponibilidade e familiaridade. Mesmo porque, creio eu, clivagens de classe ou de outro tipo ainda não haviam se configurado nos primeiros momentos da colonização. Todos eram, apesar das diferenças, imigrantes em terra estrangeira, ou como eles mesmo se denominavam "miseri coloni".

A primeira sociedade italiana de Santa Maria, foi a *Società Italiana di Mutuo Soccorso*, fundada em 01/04/1896. Esta associação teve diretoria, estatutos e sede própria. Entre as atividades por ela desenvolvidas, além das de socorro e amparo aos colonos, havia bailes e festividades. Houve, igualmente, em 1924, a criação de um grupo dramático, o "Carlo Goldini". A partir de 1927, através da mudança de estatutos, a Società passou a se denominar "*Società Italiana di Mutuo Soccorso e Recreativa*", sendo realizados jogos de bocha, bolão, pingue-pongue, xadrez, dama, carta e vispora (Moro, s/d:5). Juntaram-se a esse, em 1932, o Grupo Corale Arrigo Boito, o Palestra Ping-Pong e o grupo Carnavalesco Veneziano que, de acordo com Moro, muito teria animado os carnavais da cidade.

Compreendo que a expansão das atividades deveram-se, também, ao fato de que a essa altura da colonização, muitos desses imigrantes possuíam uma condição econômica estável, o que permitia investimentos em lazer e onde, com certeza, algumas clivagens sociais já se estabeleceram entre os descendentes. Em Santa Maria, já havia casas comerciais de porte e de prestação de serviços que eram de propriedade de italianos. Pode-se dizer que, nas primeiras décadas do século XX começou a haver distinções entre os que permaneceram na colônia e aqueles que desenvolveram atividades urbanas, bem como entre os que enriqueceram e os que não enriqueceram. Contudo, através da documentação existente, ainda não me foi possível detectar o quanto estas clivagens influenciaram ou não a organização e administração da Società.

A ERA VARGAS

Grande parte dos informantes com os

quais trabalhei tinha histórias para contar da época do governo de Getúlio Vargas, quando os italianos foram proibidos de falar seus dialetos e obrigados a falar o português. O governo brasileiro, receoso do fascismo divulgado por Mussolini controlava e vigiava as áreas de colonização italiana e, também, as de colonização alemã. Isto porque Mussolini pretendia estimular o senso de "italianità" e o amor à pátria-mãe em todos os emigrados (Seitenfus, 1990:39). Era comum encontrar-se nos estabelecimentos comerciais e nos locais públicos cartazes que proibiam a comunicação em italiano, alemão e polonês.

Muitas represálias domésticas, por vezes aplicadas de pais em filhos, tinham por objetivo alertá-los acerca das perseguições efetuadas pelo governo brasileiro e que corriam de boca em boca, tornando-se um sinal de alerta e que findou por disseminar um estado de pânico e receio entre os descendentes de imigrantes. Houve perseguições individuais, bem como a grupos e famílias. Muitos comerciantes tiveram, por parte de membros da sociedade civil, suas casas residenciais e comerciais dilapidadas, saqueadas e destruídas. Segundo um de meus informantes, que presenciou alguns desses eventos, era comum que pessoas mais pobres invadissem e saqueassem a casa dos italianos mais abastados, tendo, muitas destas famílias de imigrantes, empobrecido após esses saques.

Nesse contexto político, as Casas de Mútuo Socorro do país inteiro foram fechadas e Santa Maria não fugiu à regra, tendo sido fechada a Società:

"...a polícia proibia, quem falava italiano ia pra cadeia. Um monte foi aprisionado. Eles apanharam da polícia porque falavam italiano... A tomada da nossa sede, onde três viaturas do exército, numa noite do ano de 1943 recolheram os associados da Associação Italiana, forçaram uma assembléia, uma noite, e forçaram a entrega da sede para o Governo do Estado: 'ou vocês entregam a sede para nós ou nós tomamos ela à força'. Dinheiro, eu sei de muito dinheiro que estava no banco, dos italianos, que foram confiscados. Não só de italianos, mas de alemães também. Enquanto os italianos e alemães daqui de Santa Ma-

ria iam, foram para a Europa lutar contra o Hitler e contra o Mussolini, as famílias aqui eram perseguidas, as casas eram queimadas. Queimaram muita casa e prenderam muita gente. Foi uma injustiça contra o italiano e o alemão" (N., 57 anos, neto de italianos).

A sede, que havia sido construída pelos descendentes dos imigrantes italianos, ficou em mãos do governo do Estado e, por solicitação dos mesmos, deveria ser utilizada para fins de auxílio social. Isto aconteceu até o ano de 1998, quando o governo do Estado, após muitas negociações, devolveu a sede à Associação Italiana de Santa Maria.

O MOVIMENTO DE REVIVIFICAÇÃO

"Fai apparire l'italiano che tu sei"

O movimento que teve por objetivo revitalizar a italianidade começou, de forma embrionária, após o Centenário da Imigração Italiana, em 1975. Inicialmente, havia a Sociedade de Cultura Ítalo-Brasileira Dante Alighieri, fundada em 25 de julho de 1985 pelo músico Cesar Augusto Barichello e que tinha por objetivo manter vivos determinados aspectos culturais italianos, em especial cantos e danças folclóricas trazidos pelos imigrantes. Essa Società não possuía sede própria e, através de colaborações, ministrava cursos de língua italiana. Fundou, igualmente, um coral de músicas italianas, o Giuseppe Verdi e um grupo de danças folclóricas, o Felic' Itália.

Contudo, devido à necessidade de uma maior organização e de atividades mais abrangentes, e, também, de divergências políticas e ideológicas entre seus membros, surge a Associação Italiana de Santa Maria - a AISM, em 1992. Esta associação teve como origem a Sociedade Dante Alighieri e surgiu a partir dos trabalhos de uma Comissão de Estudos designada em novembro de 1991 para elaborar seus estatutos. Além dessa, foi criada, em 1994, a Agência Consular que tem por objetivo servir como uma representante do Consulado Italiano em Santa Maria e região, efetuando atividades de facilitadora quanto aos trâmites de requerimento de cidadania

italiana e outras atividades. Esta agência está ligada ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil e é uma extensão do Consulado Geral Italiano. Além disso, formaram-se os *Circolos*, que aglutinam descendentes de acordo com a região de origem dos antepassados na Itália. Em Santa Maria, vinculados à AISM, há os *Circolos* Vêneto, Friulano, Emiliano-Romano, Lombardo e Toscano.

Um dos meios mais divulgados de manutenção e também de promoção da italianidade são os cursos de língua italiana oferecidos pela AISM e pela Agência Consular, que, de certa forma, tem disputado alunos entre si. Pode-se dizer que, no bojo desta revivificação identitária, a língua italiana exerce um papel catalisador muito forte. Embora muitos dos descendentes falem dialetos, há uma procura muito grande por estes cursos que, a cada semestre, recebem um número significativo de alunos, em quase sua totalidade de descendentes de imigrantes italianos e seus familiares. Segundo dados da Agência Consular, em Santa Maria e região haveria uma média de 1500 alunos inscritos no ano de 1997.

O curso possui a duração de seis semestres e é ministrado através de um livro produzido pela Universidade de Perugia, na Itália, onde há um Instituto especializado em ministrar a língua italiana para estrangeiros. Por este método, aprende-se, além da gramática, aspectos gerais da cultura italiana, suas regiões, atividades econômicas, políticas e sociais. Muitos dos descendentes não reconhecem na Itália apresentada nos livros, a terra de seus antepassados. A Itália contida em suas memórias é a Itália do século passado, quase feudal, contudo esta distância entre a pátria-mãe imaginada e a pátria-mãe real parece não causar muito problema. Isto só reforça o fato de que poucos teriam vontade de ir morar na Itália. A maior parte dos informantes afirma que o Brasil é a sua pátria oficial e na qual querem viver e a Itália é a pátria do coração, do sentimento e do sangue. Ser italiano é, em suma, um vínculo identitário imaginário (Anderson, 1983) e alimentado graças à memória de seus antepassados e por eles mantida. Este aspecto está presente também no fato de que, entre os descendentes que solicitam a



Foto enviada pela autora

cidadania italiana, poucos desejam morar na Itália e, dentre os que para lá viajaram, muitos voltaram desapontados, não reconhecendo na Itália do século XX, a pátria-mãe por eles aqui invocada. Contudo, como dito anteriormente, esta distância entre a Itália-real e a imaginada e aqui cultivada não é fato gerador de problemas.

Além dos cursos de língua e da reivindicação da cidadania italiana, outra atividade que tem fortalecido a memória des-

ses descendentes são as Semanas Culturais Italianas. Estas, em Santa Maria, foram uma iniciativa da Sociedade Cultural Ítalo-Brasileira Dante Alighieri iniciadas em 1991 e que tinham em sua programação atividades, tais como: risotos, cantos e danças, apresentação de documentários, recitais de músicas, painéis, filés, feira de produtos italianos, jogo de mora, quatrilha, tressete, missa em vêneto, e um baile de encerramento. Estas atividades visavam di-

vulgar e manter vivos hábitos e costumes dos italianos imigrantes.

Atualmente, as Semanas Culturais Italianas são de responsabilidade da AISM. Todo ano, entre finais de maio e início de junho, comemora-se a Semana Italiana. Durante estas Semanas tem sido feitos desfiles e carreatas pela cidade, apresentando trajes típicos italianos e cenas do cotidiano dos colonos imigrantes. Entre as programações há, também, um grande destaque à culinária que, para muitos, é um dos elementos mais marcantes da cultura italiana. Contudo, devido à polissemia do que seria verdadeiramente a italianidade, as atividades que compõem as Semanas também tem variado, dando-se ênfase, ora nos aspectos de cultura material, ora nos aspectos valorativos das tradições italianas, tais como o apego à família, ao trabalho e à religiosidade. Apesar das divergências internas dos membros das entidades, compreendo que as Semanas Culturais Italianas são uma estratégia de sobrevivência cultural e política dos descendentes de italianos que, ao revalorizarem suas tradições, reafirmam sua especificidade e diversidade de no bojo da sociedade local/nacional.

A ITALIANIDADE

Mas, o que seria a italianidade? A italianidade, sentimento de pertencimento e auto-identificação, seria, através das narrativas que coletei, uma mescla de natureza e cultura, pois definir-se italiano significa, além de nascer de pais italianos, ou seja, de ter sangue italiano, também compartilhar de determinados símbolos como a culinária, a língua (e os dialetos), o apego à família, a fé, a apologia ao trabalho e uma maneira peculiar de enfrentar a vida. Isto me foi narrado por praticamente todos os informantes que, para diferenciarem-se dos brasileiros e mesmo dos indivíduos pertencentes a outras etnias, assim se auto-identificavam. Contudo, há entre os membros das entidades, divergências quanto à ênfase que deve ser delegada a determinados aspectos da cultura italiana, como o apego à culinária, por exemplo, o que geraria, de acordo com um de meus informantes, a invocação de uma "cultura da polenta". O que a pesquisa tem revelado é que, de acordo com o nível intelectu-

al e econômico dos descendentes, a invocação da italianidade varia. Pode-se afirmar que, quanto mais elevado o nível intelectual, mais os elementos da cultura material adquirem uma importância relativa e não absoluta na definição da italianidade.

Diz-se que onde há italianos, há brigas e desentendimentos. A pesquisa revelou que, de fato, os desentendimentos, ressentimentos e divergências constantemente são negociados de forma pouco branda. As divergências centram-se, além de disputas por poder, prestígio e de legitimidade, nas diferentes concepções de italianidade, o que revela, em muitos casos, além dos elementos acima citados, diferenças culturais das regiões italianas de origem de onde provinham esses imigrantes. Além disso, há constantemente, a acusação de indivíduos que querem se promover às custas da associação e das entidades em geral, o que se contraporia àqueles indivíduos que trabalhariam desinteressadamente, por "amor à camiseta" e que, inclusive, contribuiriam economicamente na manutenção das entidades. A italianidade como um sentimento é, igualmente, de acordo com informantes, uma característica do italiano, que é passional e *quente* naquilo que faz. Por isso, alguns se entregam tão ardorosamente à causa e se contrapõem veementemente contra aqueles que lucram e se promovem individualmente através dela.

Quanto à questão do gênero, que era um dos aspectos que, particularmente, interessava-me observar no trabalho de campo, o que detectei foi que, tanto homens quanto mulheres cooperam nas atividades, assumem cargos diretos e que o sentimento de italianidade é vivenciado e invocado por ambos da mesma forma.

Isso, contudo, foi uma mudança histórica, pois os primeiros cargos da antiga *Società* eram ocupados unicamente por homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a sentimento de italianidade tem promovido associações de indivíduos e criação de entidades. Essas, embora de forma distintas, revivificam uma identidade étnica que faz com que seus seguidores sintam-se e coloquem-se como diferentes socialmente dos demais membros da sociedade local/nacional.

Até que ponto haveria nesta reconstrução histórica a construção, também, de uma superioridade étnica? A pesquisa revelou que, para alguns informantes, conscientes disso, há uma busca relativizadora na construção da diferença. Contudo, para muitos, o italiano, indiscutivelmente, seria superior, em especial com relação aos "brasileiros", principalmente por ser mais trabalhador, mais apegado à família e mais religioso. Embora este seja um dado relevante (e também preocupante), creio que o surgimento destas associações deve ser observado como um resgate da auto-estima que muitos descendentes haviam perdido após as perseguições da Era Vargas e também ao fato de serem alcunhados de "colonos", sinônimo de rudeza e ignorância, coisa que, através do trabalho dessas entidades tem se transformado, não num estigma, mas numa marca positiva.

* *Maria Catarina C. Zanini é Antropóloga e Professora Assistente do Dpto. de Sociologia e Política da Universidade Federal de Santa Maria-RS.*

NOTA

1. Essa era a chamada pela qual o jornal local *A Razão*, no ano de 1992, convocava descendentes de italianos que desejassem participar da formação do que posteriormente viria a ser a AISM (Associação Italiana de Santa Maria).

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict
(1983) *Imagined Communities*. London, Verso.
- BORGES PEREIRA, João Baptista
(1987) "O Imigrante Italiano no Mundo Rural Paulista". In: DE BONI, Luis (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, pp. 224-250.
- MORO, Tarciso
(s/d) *As Sociedades Italianas em Santa Maria*.
- SANTIN, Silvino
(1990) "Dimensão social do trabalho e da propriedade do imigrante italiano na ex-colônia de Silveira Martins". In: DE BONI, Luis (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Vol. II, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, pp. 447-461.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva
(1990) "As relações entre Brasil e Itália no período 1918-1939". In: DE BONI, Luis (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Vol. II, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia, pp.37-52.